

# Antropologia Portuguesa

Volume 28 · 2011

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

Baxarias, J.; Herrerín, J. 2008. *The handbook atlas of paleopathology*. [Zaragoza], [Libros Pórtico], [588 pp.]. ISBN 9788479560478. € 87,00.

O que há num nome? A pergunta parece displicente, ou mesmo deslocada, mas não é supérflua. De todo. Um nome é muitas vezes uma revelação subtil e residual da verdade, um infinito comensurável a um sentido e a uma existência. Qualquer livro, e penso obviamente nos livros “científicos” ou “técnicos”, cujo título (i.e., cujo *nome*) inclua a palavra *atlas* inscreve-se necessariamente numa determinada genealogia intelectual, numa rica filiação teórica em que o lugar do livro é o de alicerce de um mundo inteiro de saberes mais ou menos específicos.

Um atlas (mesmo “portátil”) pretende revelar, integral e coerentemente, um determinado campo do saber e, se as aspirações ideológicas que subjazem a montagem de tal volume documental e imagético não correspondem nunca à sua consumação prática, tal se deve mais à infinitude e dispersão do conhecimento que propriamente ao desejo irreflexo do autor.

Este *The handbook atlas of human paleopathology*, dos paleopatologistas espanhóis Joaquim Baxarias e Jesús Herrerín, não é uma excepção. A sua amplitude temática (se bem que circunscrita ao terreno da paleopatologia), a preferência pelo uso da língua franca da ciência (o inglês) ou a profusão e qualidade das ilustrações são suficientes para persuadir qualquer um, São Tomé incluído, do anseio secreto dos autores: o de escreverem e publicarem um volume de referência, um livro susceptível de impor um padrão, simultaneamente teórico e pragmático, no estudo da elusiva ciência conhecida por paleopatologia.

O livro estrutura-se essencialmente de acordo com as divisões clássicas da paleopatologia. Ao longo de treze capítulos, Baxarias e Herrerín compilam, metódica e sistematicamente, a maioria das condições patológicas passíveis de serem identificadas em restos esqueléticos humanos. Naturalmente, o livro confessa omissões, mas tal não configura o seu maior defeito. Nenhuma lista, nenhuma enciclopédia, nenhuma *summa*, por mais exaustivas que sejam, podem jamais ser absolutas e completas. Um atlas também não – por muito que se queira e tente. Os autores, de resto, recordam no prefácio que o desígnio fundamental do volume não pressupõe uma descrição exaustiva de *todas* as lesões paleopatológicas. De qualquer forma, o livro reúne um importante acervo de dados relativos à constelação nosológica que reflecte o âmbito geral da paleopatologia.

A paginação do volume não é a habitual, o que dificulta a inquirição rápida de temas (afinal, a conveniência de um *Handbook atlas* deve muito à facilidade de pesquisa). A divisão dos capítulos por cores é original mas deveria ser complementada pela vulgar, mas utilíssima, paginação.

Os textos referentes a cada uma das condições patológicas são concisos mas elucidativos. Organizam-se em pequenos verbetes ou fichas que facilitam uma consulta rápida mas minimamente reveladora e que descrevem e classificam, mesmo que de forma telegráfica, a doença ou a lesão ósseas. As propostas de classificação para algumas enfermidades (e.g., classificação de Sager para a osteoartrite cervical; «*Osteoarthritis* – 10») nem sempre são criteriosas; contudo, denunciam uma intenção clara por parte dos autores: o estabelecimento de definições operacionais que permitam a standardização dos diagnósticos e possibilitem a comparação entre estudos. Por vezes, as doenças ou as lesões ósseas são definidas de forma demasiado vaga (e.g., a periostite; «*Infectious Pathologies* – 19»), tornando risível e inconsequente a pesquisa realizada neste *Handbook atlas of human paleopathology*.

Cada ficha corresponde a uma doença ou lesão óssea. Não obstante, Baxarias e Herrerin respeitaram uma conduta basilar da paleopatologia: não descurar qualquer alternativa de diagnóstico. Desse modo, o diagnóstico diferencial é um parâmetro omnipresente em cada um dos casos descritos. Esta preocupação é obviamente positiva mas, por vezes, expõe algumas imperfeições nocionais do livro. O diagnóstico diferencial consiste na identificação de todas as *condições patológicas* concebíveis que podem originar determinadas lesões. O corolário desta definição implica que qualquer lesão *post mortem* não pode integrar um diagnóstico diferencial. Infelizmente, neste volume reitera-se acriticamente a inclusão das lesões *post mortem* nos diversos diagnósticos diferenciais. Mas existem outros tipos de erro: por exemplo, no diagnóstico diferencial de uma fractura vertebral («*Traumatic Conditions* – 7») inclui-se a osteoporose. Aqui reside uma confusão óbvia: a osteoporose (*uma definição possível: condição metabólica de fragilidade esquelética, atribuída ao decréscimo da massa óssea e à deterioração da microarquitectura do tecido ósseo, com aumento decorrente do risco de fractura*) é um factor de risco para a ocorrência da fractura vertebral (*uma definição possível: redução de pelo menos 20% nas alturas anterior e/ou posterior e/ou média do corpo vertebral*) mas *não pode ser* a fractura. São entidades nosológicas que muitas vezes se relacionam mas que designam *sempre* coisas diferentes.

Os sumários («*fast guidelines*») inseridos no final de alguns capítulos constituem um dos aspectos mais interessantes deste livro. Em apenas duas páginas, ou pouco mais, os autores resumem as principais características (anatomopatológicas, epidemiológicas, etc.) de uma determinada lesão, doença ou grupo nosológico. Para além disso, arrumam e ordenam o caos aparente dos capítulos mais longos. Não se percebe, portanto, a supressão destes brevíários em temas patológicos relevantes, como as doenças infecciosas ou as neoplasias.

As imagens que acompanham os textos sobressaem pela sua qualidade e estabelecem, incontestavelmente, a mais-valia do volume. Na sua maioria representam casos provenientes de contextos arqueológicos, mostrando por vezes ocorrências incomuns no campo da paleopatologia. As reproduções fotográficas de condições como a espondilite micótica («*Infectious Pathologies* – 10»), a displasia craniana («*Congenital Pathologies* – 1»), a Doença de Scheuermann («*Congenital Pathologies* – 16»), e o *os odontoideum* («*Congenital Pathologies* – 23»), ou de lesões associadas a uma decapitação («*Intentional Traumas* – 14»), constituem exemplos paradigmáticos de ilustrações raras em paleopatologia. Os numerosos *exemplae* fotográficos (que se fundam complementarmente à subjectividade textual) remetem incessantemente o leitor para a concretude dos factos laboratoriais, guiando-o facilmente através da miríade de processos, lesões e variantes anatómicas que afectam o esqueleto.

A opção pela língua inglesa é compreensível mas revela-se desastrosa. O inglês do livro é ingénuo e está muito abaixo do exigido para um qualquer livro científico, muito menos num volume que pretende ser canónico. Em certas passagens, a linguagem do livro revela uma incapacidade de negociar a compreensão dos fenómenos patológicos que pretende descrever. Os exemplos de confusão e erro abundam:

“*Gladiators remains exhumed in Ephesus let us increase our knowledge (sic) about perimortem traumatic lesions. There are the number of traumas, the location of its, comparing with the well known weaponry of gladiators*” («*Fast Guideline* – 42»).

Ou ainda:

“*In paleopathology, it is difficult to know if there were suffered in life*” («*Fast Guideline* – 42»).

Os erros ortográficos (e.g., *understain*, *acetabule*), a interpolação de palavras castelhanas no texto (e.g., *bronze*) e as gralhas (e.g., *concomitan*, *depatitation*) são, também, ocorrências demasiado frequentes. Desafortunadamente, são falhas graves que maculam, por si só, o valor e a qualidade da obra.

Nos últimos anos têm surgido regularmente novos títulos no campo da paleopatologia humana, ecuménicos ou focados em categorias patológicas específicas, depositários fiéis dos velhos temas mas, igualmente, reformadores e solidamente ancorados nas novas teorias e metodologias. Não obstante, volumes como *The Cambridge encyclopedia of Human Paleopathology* (Aufderheide & Rodríguez-Martín, 1998), *The archaeology of disease* (3<sup>rd</sup> ed., Roberts & Manchester, 2005), *Identification of pathological conditions in human skeletal remains* (Ortner, 2003) ou *Introducción a la Paleopatología* (Campillo, 2001) permanecem as referências

maiores nesta área científica. Estes são, de resto, os títulos com os quais inevitavelmente comparamos todos os novos livros.

O atlas de Baxarias e Herrerín bate-se de forma desigual com estes colossos. Cientificamente, o livro é satisfatório e, por vezes, francamente bom. Outras vezes, não: os equívocos gramaticais mesclam-se livremente com as imprecisões científicas e isso, nesta disputa de deuses, é imperdoável.

### **Francisco Curate**

CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde

Departamento de Ciências da Vida

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Universidade de Coimbra, Portugal

f\_curate@yahoo.com

Pereira, L.; Ribeiro, F. M. 2009. *O património genético português: a história humana preservada nos genes*. Lisboa, Gradiva, 202 pp. (Colecção Ciência Aberta; 179). ISBN 9789896163266. € 15,00.

Em *O património genético português* Luísa Pereira e Filipa M. Ribeiro propõem-se revelar a um público alargado, a identidade biológica da população portuguesa actual, temática até agora confinada à literatura científica especializada na área da Genética das Populações Humanas.

Nesta obra, a identidade biológica da população portuguesa é construída a partir da análise e interpretação dos dados da diversidade genética da população actual, juntamente, com dados fornecidos por outros registos do passado, tais como, os registos histórico, arqueológico, paleontológico e paleoclimatológico. Esta necessidade resulta do facto de todos eles, inclusivamente o registo genético, serem selectivos, isto é, revelarem um cenário do passado baseado apenas nos vestígios que sobreviveram até à actualidade.

A divisão do conteúdo deste livro em duas partes reflecte a evolução no tempo e no espaço da população ancestral da Península Ibérica. Na primeira parte, o primeiro capítulo é dedicado ao registo genético e ao modo como ele pode ser utilizado para fazer inferências sobre o passado. Este conhecimento é fundamental para a compreensão do conceito de Património Genético Português.

O genoma humano é uma autobiografia da espécie onde estão registados os principais acontecimentos do nosso passado evolutivo, incluindo os movimentos migratórios dos últimos milhares de anos. A capacidade técnica para ler o genoma